

A produção do discurso pedagógico numa perspectiva dialógica

Pedagogical discourse production in a dialogic perspective

Silvia de Siqueira¹, Leticia Ramalho Brittes²

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha (IFFar/JC), Farroupilha-RS, Brasil

Resumo

Este estudo objetiva discutir sobre como alguns aspectos da retórica clássica podem influenciar na produção do discurso pedagógico em sala de aula, reproduzindo moldes de uma educação tradicional e conservadora o que, em conformidade com Freire, pode ser considerada uma educação bancária. A partir disso, busca-se uma ressignificação deste discurso a partir de uma perspectiva discursiva da linguagem. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. Assim, pretende-se abordar as contribuições da teoria discursiva de Bakhtin para a produção do discurso pedagógico dos professores na contemporaneidade. Antes disso, será exposto um panorama das discussões anteriores referentes ao discurso, enfatizando, principalmente, em determinados aspectos dois dos momentos mais relevantes nos estudos acerca da linguagem: a filosofia da linguagem grega, com sua noção retórica de linguagem e, historicamente, mais tarde, a filosofia de cunho marxista fundamentada por Bakhtin, focando a linguagem em seu viés social em detrimento do estudo da língua como código linguístico. Com base no trabalho realizado, destaca-se a necessidade de ressignificação na produção do discurso pedagógico dos professores a fim de que ocorra a produção do conhecimento através da relação dialógica entre estudantes e professores.

Palavras-chave: Discurso. Dialogismo. Discurso pedagógico. Escola.

Abstract

This study aims at discuss on how some aspects of classical rhetoric may influence in the pedagogical discourse production in class, reproducing some patterns of traditional and conservative conceptions of education, which can be considered, according to Freire, a kind of “banking” education. From this, we are searching to propose a reinterpretation of this discourse according to a discursive perspective of language. It is a qualitative study based on bibliographic method. Therefore it intends to mention some contributions from Bakhtin discursive theory to the modern teachers’ pedagogical discourse production. Before that, an overview will be presented based on previous discussions related to the discourse, emphasizing certain aspects of two of the most relevant moments in the language studies: the philosophy of the Greek language, with its rhetorical notion of language and, historically later, the Marxist philosophy founded by Bakhtin, focusing on the language in its social aspect to the detriment of the study of language as linguistic code. Based on the work done, it’s highlighted the need to reframe the production of pedagogical discourse of teachers so that the production of knowledge through dialogical relationship between students and teachers can occur.

Keywords: Discourse. Dialogism. Pedagogical discourse. School.

1 Graduação em Ciências Biológicas. Bolsista de Iniciação Científica pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS). E-mail: silviadsiqueira@gmail.com

2 Licenciada em Letras Português- Inglês e suas respectivas Literaturas pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutora em Educação Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). E-mail: leticia.brittes@iffarroupilha.edu.br

Introdução

Este estudo pretende questionar o entendimento de educação e de ensino que considera o estudante como alguém que “nada sabe” e o professor como “detentor do saber”; dito de outra forma, visa problematizar a forma de educação bancária que tem ocupado grande espaço no cenário educacional brasileiro. Freire, em sua obra intitulada *Pedagogia do Oprimido*, muito bem define este tipo de educação como aquela que trata a aquisição do conhecimento como algo imposto pelo professor que previamente deteve o saber necessário e dispõe deste para depositar nos estudantes, então, desprovidos de saber (FREIRE, 1996).

Essas rápidas considerações tornam possível vislumbrar duas concepções de educação que se chocam na escola contemporânea: a primeira, é a educação tradicional (predominante na escola atual), também denominada educação bancária³ por Freire, que não abre espaço ao diálogo, desenvolvendo-se sob a forma de um depósito de informações descontextualizadas (transmissão de conteúdos), já a segunda tende à abertura ao questionamento, ao intercâmbio de ideias, à dialogicidade, aproximando-se assim da realidade dos estudantes, proporcionando uma aprendizagem socialmente significativa.

Para refletir sobre essas questões, inicialmente, buscar-se-á desenvolver um esboço sobre a gênese do discurso, iniciando-se pela noção de retórica trazida pelos filósofos gregos. Em seguida, será discutido o uso da retórica na educação, bem como as relações de poder e manipulação que ocorrem através desse processo. Para isso, será feita uma análise crítica sobre a noção de produção de discurso pautada na lógica e na razão positivista. Por último, será discutida a concepção de discurso desenvolvida por Bakhtin (teórico que revolucionou os estudos linguísticos da época, influenciando os estudos de hoje em dia nesta área do conhecimento), a fim de propor uma educação verdadeiramente dialógica a partir de uma ressignificação do discurso pedagógico que circula na escola de nossos dias.

O objetivo central do presente estudo é propiciar aos profissionais da educação uma reflexão sobre a relação intrínseca entre uma concepção dialógico-crítica de educação e o processo de produção do discurso pedagógico em sala de aula, salientando função social desse processo, na produção do conhecimento dos sujeitos (estudantes e professor) que o produzem no “espaço-tempo da aula”⁴.

É preciso explicitar, inicialmente, o uso feito das categorias retórica, discurso e discurso pedagógico a fim de delimitar as bases a partir das quais o texto é organizado.

Segundo Paviani (2001), a palavra retórica provém do grego *rhetoriké [téckne]*, (arte) retórica, pelo latim *rhetorica*. Em uma concepção contemporânea para o termo, pode-se afirmar que a retórica consiste na técnica de construção do discurso que visa a criação de um texto fortemente persuasivo, através do uso correto da linguagem. É lhe também atribuído uma conotação negativa, identificando-a como um discurso pomposo, ausente de conteúdo. No entanto, é nesse momento histórico que a retórica assume uma especial importância, tornando-se objeto de reflexão por parte de diversos autores, dos quais se destacam Platão e Aristóteles.

3 Segundo Paulo Freire (1996), trata-se de uma concepção de educação tradicional e tecnicista que identifica a educação como um depósito bancário, onde o aluno nada sabe e o professor é o detentor do saber.

4 Conforme Ferreira e Cancian (2008), a aula em si, constitui uma relação espaço-temporal, na qual o professor pode exercer sua autonomia em potencial, rompendo com a concepção de aula em que o professor é responsável apenas por transmitir conhecimentos.

Já o termo discurso é abordado por Bakhtin/Volochinov, na obra intitulada *Marxismo e filosofia da linguagem*, como o estudo da enunciação. Segundo Marques (2001, p. 03), “a estrutura da enunciação concreta é determinada inteiramente pelas relações sociais, ou seja, pela situação social mais imediata e pelo meio social mais amplo”. Cabe ressaltar ainda, conforme Bakhtin:

(...) a enunciação é produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído por um representante ideal, mas que não pode ultrapassar as fronteiras de uma classe e de uma época bem definidas. (...) A palavra se orienta em função do interlocutor. Na realidade, a palavra comporta duas faces: procede de alguém e se dirige para alguém. Ela é o produto da interação do locutor e do interlocutor; ela serve de expressão a um em relação ao outro, em relação à coletividade. (...) A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros (...) se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra se apoia sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN/ VOLOCHINOV, 1995, p.113).

A partir da concepção bakhtiniana, que concebe a língua como um fato social, surge uma das categorias centrais nos estudos do filólogo russo: o dialogismo. É a partir daí que ele desenvolve os estudos sobre a comunicação diária, que facilitou a compreensão de como se efetua a produção da significação no funcionamento dos “discursos da vida cotidiana”, aqueles que se relacionam diretamente com a situação em que são produzidos, identificando-se neles, a natureza social da linguagem. Para Bakhtin, os estudos sobre a linguagem não deveriam ser apenas objeto da ciência linguística, mas deveriam ser uma realidade definidora da própria condição humana.

Destaca-se ainda, que conforme Pires, “a linguagem em Bakhtin é uma prática social cotidiana que envolve a experiência do relacionamento entre sujeitos. Essa experiência é integrante do sentido do dizer” (2002, p.104).

Dentro desta mesma perspectiva dialógica, surgem estudos sobre outra categoria: o discurso pedagógico que Orlandi define como “um discurso autoritário em função da imagem dominante do professor e por ser este que tem em si o poder e o dever de ensinar. Tal dever é negociado pela mediação deste professor com seus alunos” (1987, p. 58). Dessa forma não podemos conceber o discurso fora do sujeito, e nem este fora de um contexto histórico-social. Nesta concepção, o professor não é a fonte absoluta do significado e do sentido, uma vez que ele existe socialmente e é interpelado por aspectos do meio no qual está inserido.

É importante destacar ainda as contribuições de Pey na conceituação do discurso pedagógico. Segundo a linguista, trata-se de um “processo discursivo que se estabelece entre alunos e professores sobre objetos de conhecimento”. Pey (1988, p.11), destaca ainda que analisar o discurso pedagógico ajuda a “conhecer a educação que se faz na escola, em especial a abordagem sobre os conteúdos, porque estes são mediados por um discurso”.

A fim de investigar o percurso das teorias sobre o discurso, na próxima etapa deste estudo, será exposto um panorama sobre as primeiras formulações de *discurso*, que na Antiguidade clássica denominava-se *retórica*, apontando-se alguns aspectos relevantes dos estudos de Isócrates, Platão e Aristóteles que formaram a gênese dos estudos linguísticos desenvolvidos até então.

Metodologia

Para a realização do estudo, escolheu-se a pesquisa qualitativa, que se apresenta como uma abordagem própria para os estudos em educação, tendo em vista que propicia uma maior interação entre pesquisadores e os temas abordados, na medida em que não se pauta por um rigor cartesiano absoluto. Ao contrário, permite ser modificada no percurso da pesquisa, garantindo que as ações dos sujeitos e a sucessão dos fatos observados tenham primazia no desenvolvimento da pesquisa.

O artigo foi elaborado com base em um procedimento de pesquisa bibliográfica, entendido como uma sistemática de produção de conhecimento. Trata-se de um estudo teórico que busca refletir e problematizar alguns aspectos relativos ao trabalho dos professores no tempo-espço da aula que é entendido como produção de um discurso pedagógico. O interesse pelo desenvolvimento da presente pesquisa surgiu de questionamentos surgidos durante discussões e estudos desenvolvidos no Delphos (Grupo de Pesquisas e Estudos sobre Políticas Educativas, Currículo e Trabalho Docente⁵). Pretende-se com este estudo, encaminhar uma reflexão crítica sobre a produção do discurso pedagógico dos professores no ambiente escolar, destacando-se a necessidade de uma ressignificação na produção desse discurso. Para isso, partir-se-á de uma discussão sobre a gênese do discurso e, posteriormente sobre as influências positivistas na produção do discurso iluminista. Em todas essas manifestações será analisada a relação dialógica “eu-tu” no processo de produção dos discursos, alegando a uma análise crítica de como se apresenta o discurso pedagógico dos professores no cenário contemporâneo do campo educacional brasileiro.

A fim de organizar o texto, criou-se uma sequência de fases, quais sejam: seleção do material mediante o critério da abordagem do tema em consonância com a perspectiva teórica escolhida, centrada em estudos sobre discurso e discurso pedagógico; leitura inicial com fichamento de ideias centrais; análise das categorias (palavras-chave) no material fichado; aprofundamento dos temas em novas leituras; e, por último, sistematização entremeando os estudos realizados com as descobertas e análises dos autores.

A retórica grega: a linguagem como forma de poder

O interesse pelo estudo da linguagem surge no período da Grécia Antiga, momento histórico marcado por uma vasta contribuição dos gregos às mais diversas áreas do conhecimento. No âmbito das civilizações do mundo médio oriental e mediterrâneo, a Grécia assume uma identidade de visível originalidade e de elevado padrão no que diz respeito aos estudos sobre a linguagem, iniciando-se assim, as primeiras formulações sobre a teoria do discurso. Tais concepções sustentaram um modelo que permanecerá no centro da história ocidental e alimentará os estudos contemporâneos na perspectiva dialógico-discursiva.

O que atualmente se entende por “teoria da argumentação”, recurso utilizado na área jurídica principalmente, é o que deu origem à atual concepção de discurso. Trata-se da retórica, concepção de discurso difundida pelos gregos aproximadamente no século III a.C. que se desenvolveu inicialmente com as teorias de Isócrates que afirma que “a base da retórica é a clareza, a precisão e a pureza, admitindo a fala como arte, distinguindo assim os homens dos animais” (PFEIFFER, 2000, p.

5 Instituto Federal Farroupilha *Campus* Júlio de Castilhos/RS.

120a). Contrapondo-se a Isócrates, Platão sustenta a ideia de que a retórica pertence ao campo da opinião, não sendo nem filosofia, nem arte do discurso; segundo ele a “retórica é hipertrofia da linguagem por apresentar-se de uma forma sedutora” (PFEIFFER, 2000, p. 120b).

Platão, o maior filósofo ateniense, elabora um grandioso sistema filosófico de base idealista (que coloca a prioridade da ideia em relação ao ser-experiência e, portanto, o desenvolvimento de uma especulação que reconquiste a pureza e a função teleológica das ideias) e o desenvolve através de ornamentados textos filosóficos – os *diálogos* – divididos em três fases (da juventude, da maturidade e da velhice) que retomam e reabrem os problemas metafísicos, éticos, políticos e lógico-gnoseológicos do idealismo platônico levando-o a formulações cada vez mais críticas e mais profundas.

Em relação aos estudos sobre linguagem, Platão será o primeiro a opor-se explicitamente ao uso da retórica como forma de discurso. Em sua obra *Górgias*, ela é apresentada como manipulação das técnicas argumentativas de forma imoral a fim de subverter a verdade. Segundo Paviani (2001, p.s/n), para Platão, “a retórica preocupa-se somente com a crença, ignorando o saber e a verdade universais e absolutos” que Platão acreditava existirem.

A convicção de Platão de que a retórica é essencialmente manipuladora, o faz distinguir a retórica da dialética. Para ele, a primeira era desenvolvida através de discursos extensos que conduziam o público à dispersão, tendo por objetivo o convencimento e adesão às ideias discursadas. No entanto, a segunda que por sua própria natureza apresenta-se dialogicamente, possibilitando a intervenção, o questionamento e a negociação de sentidos, é capaz de conduzir à verdade⁶.

As condições de produção desses discursos retóricos organizavam-se da seguinte forma: um orador e seu auditório (conjunto de todos aqueles que o orador queria influenciar mediante o seu discurso). Não há aqui, nenhuma alusão à dialogicidade, existe um *eu*, que profere o discurso para um *vocês*, que, em meio a multidão, se cala, assumindo-se simplesmente como ouvinte.

Aristóteles, por sua vez, apresenta uma concepção de retórica que vai de encontro à teoria platônica. Em seus estudos, o filósofo irá considerar a retórica como a “arte de falar”, conforme Paviani, trata-se de uma linguagem com a finalidade de “persuadir e convencer diversos auditórios de que uma dada opinião é preferível à sua rival através da elaboração de discursos. Agora parece ter-se uma maior preocupação com o assentimento do auditório, do que com a verdade” (2001, p.26). O filósofo grego assumia tanto a existência como a importância do discurso persuasivo, focando seus estudos em prol de garantir a eficácia da persuasão do orador sobre o auditório.

Através da breve sistematização desenvolvida nos parágrafos anteriores sobre os estudos de Aristóteles, percebe-se uma apresentação da retórica como uma linguagem moralmente neutra. Segundo ele, o bom ou mau uso da arte do bem falar para defender argumentos verdadeiros ou falsos, depende somente da ética de quem assim procede. Dessa forma, a retórica não é boa ou má em si mesma, o seu uso é que a torna boa ou má.

6 Platão pressupõe e define o que seria o discurso verdadeiro na obra *Cratilo*: “Verdadeiro é o discurso que diz como as coisas são; falso é o que diz como elas não são” (385 a.C). Para Platão a verdade se aplicava primeiro ao objeto, ou ao sujeito, e depois ao enunciado.

De acordo com Cambi (1999), no conjunto, o modelo aristotélico não é muito distante ao do seu mestre Platão, embora se apresente de uma forma mais realista e pragmática, assumindo o homem como ser social, inscrito numa sociedade e num Estado. Entretanto, em Aristóteles, a finalidade e organização do discurso permanecem vinculadas à retórica, ou seja, à arte da persuasão, do convencimento. Concebendo-se o discurso entre um orador e seu auditório, excluindo-se também aqui, o papel dialógico da linguagem, todavia, percebe-se um avanço no que diz respeito ao fato de o homem ter uma natureza social.

Da retórica da Antiguidade Clássica ao Dialogismo em Bakhtin: uma concepção dialógica da linguagem

Em continuidade às reflexões anteriores, buscar-se-á desenvolver aqui uma breve trajetória dos estudos linguísticos de Bakhtin a fim de propor a ressignificação do discurso pedagógico produzido pelos professores em sala de aula. Dos estudos sobre linguagem discutidos neste trabalho, percebe-se um apelo retórico ao termo discurso. Tanto no período da Antiguidade Clássica como mais tarde durante o Iluminismo, são observadas relevantes contribuições aos estudos linguísticos, entretanto são poucas as elucidações para o desenvolvimento de uma perspectiva dialógica do discurso.

Tanto Platão como Aristóteles, trouxeram uma noção essencial de linguagem, o primeiro opunha-se à retórica, pois a via como essencialmente manipuladora, detendo-se ao estudo da dialética, que segundo ele apresenta-se dialogicamente, conduzindo à verdade. Já o segundo, admitia a retórica como “arte produtora”, para ele, a retórica não é boa ou má em si mesma, o seu uso é que a torna boa ou má. Esses são conceitos-chave para os estudos posteriores sobre linguagem e discurso, no entanto, não evidenciam a natureza social da linguagem, dando enfoque ao orador, bem como a sua técnica e preparação para o bem falar.

Não obstante, os filósofos citados no decorrer deste trabalho contribuíram de uma forma ou outra para o desenvolvimento dos estudos numa perspectiva dialógico-discursiva. Os estudos sobre o assunto tomaram, nos períodos mencionados, direções diversas, com princípios e métodos diferentes, assentados em quadros teóricos diversificados. No entanto, foi com os estudos do filósofo russo Bakhtin, sobretudo sobre suas reflexões variadas sobre o princípio dialógico que revolucionaram a noção de discurso e sobretudo influenciam hoje os estudos do discurso atualmente.

Bakhtin desenvolveu seus estudos sobre a linguagem baseando-se no materialismo dialético⁷ proposto por Karl Marx, que influenciou o pensamento e o desenvolvimento das terias do filósofo russo. Em sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, Bakhtin expõe a necessidade de uma abordagem marxista da filosofia

7 O materialismo marxista, conforme os estudos de Marx (2008) e Engels, compreende a base material formada por forças produtivas (que são as ferramentas, as máquinas, as técnicas, tudo aquilo que permite a produção) e por relações de produção (relações entre os que são proprietários dos meios de produção as terras, as matérias primas, as máquinas e aqueles que possuem apenas a força de trabalho). A dialética marxista, por sua vez, postula que as leis do pensamento correspondem às leis da realidade. A dialética não é só pensamento: é pensamento e realidade a um só tempo. Mas, a matéria e seu conteúdo histórico ditam a dialética do marxismo: a realidade é contraditória com o pensamento dialético. A contradição dialética não é apenas contradição externa, mas unidade das contradições, identidade: “a dialética é ciência que mostra como as contradições podem ser concretamente idênticas, como passam uma na outra, mostrando também porque a razão não deve tomar essas contradições como coisas mortas, petrificadas, mas como coisas vivas, móveis, lutando uma contra a outra em e através de sua luta” (LEFEBVRE, 1979, p. 192).

da linguagem. Nessa perspectiva, as relações entre sociedade e linguagem são colocadas sob o signo da dialética, do signo enquanto efeito das estruturas sociais e não individuais. Segundo ele, “o signo é por natureza, vivo e imóvel, plurivalente; a classe dominante tem interesse em torná-lo monovalente” (1995, p.15).

Além disso, Bakhtin acredita que a filosofia marxista deve colocar como base de sua doutrina a enunciação como realidade da língua e como estrutura sócio-ideológica:

A enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social é a unidade de base da língua. (...) Ela é de natureza social, portanto ideológica, ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um “horizonte social”. Há sempre um interlocutor, ao menos em potencial. O locutor pensa e se exprime para um auditório social bem definido. (...) O signo e a situação social estão indissoluvelmente ligados (BAKHTIN/ VOLOCHINOV, 1995, p. 16).

Segundo M. Buber⁸ (1979; 2007), a base do princípio dialógico é a filosofia do diálogo, que afirmando a palavra como dialógica, estabelece a relação entre os seres humanos e funda a experiência da interação. Nessa concepção, o ser humano não é um ser individual, mas uma relação dialógica entre *eu-tu*. O *tu* é a condição de existência do *eu*, pois a realidade do homem é a realidade da diferença entre um *eu* e um *tu*. O *eu* não existe individualmente, senão como abertura para o outro. Origina-se daí a constituição do par fundador *eu-outro*.

Para Bakhtin, o fundamento de toda a linguagem é o dialogismo, essa relação com o outro. “A vida é dialógica por natureza, viver significa participar de um diálogo” (1995, p. 184). Todo enunciado é apenas um elo de uma cadeia infinita de enunciados, um ponto de encontro entre opiniões e visões de mundo. O filósofo russo acrescenta ainda que a interação social ocorre entre três participantes: o falante, o ouvinte e o tema do discurso:

O discurso é como o “cenário” de um certo acontecimento. A compreensão viva do sentido global da palavra deve reproduzir esse acontecimento que é a relação recíproca dos locutores, ela deve encená-la, se se pode dizer; aquele que decifra o sentido, assume o papel de ouvinte; e, para sustentá-lo, deve igualmente compreender a posição dos outros participantes. (BAKHTIN, 1995, p.199).

A citação acima define o que se pretende propor neste trabalho em relação à ressignificação do discurso pedagógico produzido no tempo-espço da aula pelos professores.

Contextualizando o discurso na perspectiva dialógica com a escola, assume-se a língua (código linguístico pelo qual se estabelece a interação através do uso da palavra-signo), como instrumento na produção do discurso pedagógico, elaborado pelo professor (interlocutor), que assume papel de ouvinte e falante simultaneamente; os estudantes por sua vez, ocupam o lugar de falante e ouvinte, na mesma condição dialógica do professor, este último, porém, é o responsável pela mediação do conhecimento através de uma elaboração interacionista do discurso pedagógico que profere. Assim, o discurso estabelece uma relação recíproca entre os seus interlocutores, gerando uma abertura para intercâmbios entre os significados produzidos em aula.

8 Um dos principais representantes da filosofia do diálogo foi o filósofo austríaco Martin Buber, citado por Todorov (1981) como influência para o pensamento de Bakhtin sobre dialogismo.

Ressignificando a produção do discurso pedagógico dos professores

Segundo Pey (1988, p. 33), “o discurso pedagógico é o processo discursivo que se estabelece entre alunos e professores sobre objetos de conhecimento”. Trata-se, sem dúvida, de uma abordagem relevante para conhecer a educação que se faz na escola, principalmente em relação ao planejamento da aula, pois esta é mediada por um discurso.

Entretanto, o que se percebe nas escolas atualmente é uma herança advinda desde a retórica da Antiguidade Clássica, que ao interferir na organização do discurso pedagógico dos professores, pode apresentar apelo à pedagogia tradicional, através da reprodução de discursos autoritários. O silêncio, em algumas situações, é o comportamento que se espera dos alunos, os quais, mais parecem o auditório grego, sendo manipulados por um discurso persuasivo em prol da “ordem” e da “obediência”. Em determinados contextos de educação tradicional, é raro deparar-se com um professor que estabeleça uma relação de diálogo com os estudantes, pois alguns professores ainda carregam em sua prática pedagógica uma posição tradicional de locutor exclusivo do saber instituído.

Essas heranças tendem a acompanhar e orientar a produção dos discursos em aula. O resultado disso mostra-se, em certos casos, na apatia e desinteresse dos alunos por aquilo que exija um posicionamento pessoal através do uso da linguagem. Muitas vezes, os estudantes estão inertes, despreparados para levantar uma crítica, uma dúvida ou até mesmo uma sugestão. Quando se propõe um diálogo sobre determinado assunto, eles se calam, tratam a proposta do professor com indiferença, considerando uma “matação de tempo”, pois desde os primeiros anos escolares, trabalhou-se insistentemente na ideia de que aula propriamente dita é o tempo destinado à cópia seguida de exercícios de estímulo-resposta.

É natural, principalmente em nossa abordagem como professores no cotidiano de nossa instituição, que os estudantes procedam desta maneira, quando um professor apresenta uma aula baseando-se em princípios dialógicos, tentando estabelecer uma relação mais próxima com os estudantes, eles encaram tal atitude ainda na posição de ouvintes, e não de participantes ativos em uma situação real de comunicação.

O interlocutor, estudante ou professor, situa-se ou é situado em uma posição definida em relação aos objetos do conhecimento. A posição do professor o predispõe para a abordagem do conteúdo como aquele que sabe e ensina e do estudante como aquele que não sabe e aprende. Assim fixados, não há dinâmica que concretize o diálogo (PEY, 1988, p.27).

De acordo com o que Pey discerne na citação acima, pretendeu-se com este estudo, conduzir os professores a uma reflexão sobre a produção do discurso pedagógico que elaboram, para que efetivamente se construa uma educação dialógica. Conforme Pey (1988, p.46), “o professor fala, mas pode ouvir para ensinar melhor, o estudante ouve, mas pode falar o que sabe para aprender melhor o que não sabe”. O simples fato de o professor colocar-se como ouvinte de seus estudantes é o primeiro passo para romper com o clássico apelo à linguagem como forma de impor autoridade através dos recursos retóricos pré-estabelecidos.

Considerações finais

Não há reflexão crítica quando se tem um auditório que é persuadido pela voz única de um orador. Não há diálogo produzido por seres humanos que seja pautado unicamente pela lógica e a razão, já que estes são seres que inseridos em uma sociedade, trazem consigo marcas de sua historicidade e cultura que os diferenciam entre si, produzindo subjetividade na fala que proferem. É como bem define Bakhtin, o ser humano é dialógico por natureza, a linguagem só se constitui através da relação *eu-tu*, não existe comunicação fora da perspectiva dialógica.

Assim como não existe produção de conhecimento numa relação de dominação entre professor – estudante. Conforme Freire (1996), “o diálogo não pode verificar-se na relação de dominação”. A relação que se estabelece entre o discurso de um professor que sabe tudo e o silêncio do estudante que nada sabe, é uma relação de dominação que fixa hierarquicamente os interlocutores. Ainda nas palavras de Freire (1996), “como posso dialogar, se silêncio a ignorância, isto é, se a vejo sempre no outro, nunca em mim?”.

Apesar de professores e estudantes terem competências diferentes, provindas de experiências de vida diferentes e de estudo diferentes, expressam-se cada um de acordo com sua visão de mundo em diferentes níveis de elaboração, contudo, são seres humanos inseridos na natureza dialógica da linguagem, e para o bem de que haja a produção efetiva do conhecimento, faz-se necessária a socialização dessas vozes a fim de romper com o silêncio que produz ignorância.

Nessa perspectiva, há vários caminhos a trilhar. Por exemplo, o estudo sobre a abordagem dialógica da linguagem como efetiva para a produção do conhecimento ajudará o professor a examinar o seu próprio discurso, a fim de romper com o discurso autoritário, dando abertura à participação do estudante na elaboração do seu discurso pedagógico. Tal atitude, se fundamentada através da pesquisa e do estudo dos professores, poderá ser um início de um processo de rompimento com o silêncio dos estudantes, uma abertura à valorização dos discursos produzidos pelos sujeitos envolvidos no processo educativo. Além disso, pode ser um meio de ampliar possibilidades para que se desenvolva uma educação realmente pautada pela liberdade de escolha e pela crença em uma ação educativa alicerçada na atividade conjunta dos sujeitos envolvidos em prol da produção do conhecimento.

Referências:

- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7. Ed. São Paulo: HUCITEC, 1995.
- BUBER, M. **Eu e Tu**. Campinas: Perspectiva, 1979.
- BUBER, M. **Do diálogo e do dialógico**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.
- FERREIRA, Liliانا Soares. CANCIAN, Viviane Ache. Gestão do Pedagógico e os Processos de Formação de Professores: Uma reflexão sobre o lugar dos estágios e práticas educativas em cursos de licenciatura. In: **Revista Iberoamericana de Educación**. n. 48, p. 253-267, 2008.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LEFEBVRE, H. **Lógica formal/ Lógica dialética**, trad. Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.
- MARQUES, M. C. S. **Primeira versão – vozes bakhtinianas**: breve diálogo. Porto Velho: EDUTRO, 2001.

MARX, K. **O capital**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2008.

ORLANDI, E. P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 2. ed. Campinas : Pontes, 1987.

PAVIANI, J. **Filosofia e método em Platão**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

PEY, M. O. **A escola e o discurso pedagógico**. São Paulo: Cortez, 1988.

PFEIFFER, C.C. **Bem dizer e retórica**: um lugar para o sujeito. 2000. 185f. Tese de doutorado em Lingüística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP. Campinas, 2000.

PIRES, Vera. Lucia. Enunciação e discurso em Bakhtin. In: **Expressão – Revista do Centro de Artes e Letras**. Santa Maria, v. 1, n. 2, p. 104-108, 2002.

TODOROV, T. **Mikhaïl Bakhtine**: le principe dialogique. Paris: Éditions du Seuil, 1981.

Enviado em: 09/outubro/2016

Aprovado em: 25/novembro/2016